

# PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO 1

# PORTUGUÊS

12/01/2014

PROVAS	QUESTÕES
LÍNGUA PORTUGUESA	01 a 10
CONHECIMENTOS GERAIS SOBRE EDUCAÇÃO	11 a 20
CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS	21 a 50
REDAÇÃO	—

SÓ ABRA ESTE CADERNO QUANDO FOR AUTORIZADO

## LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Em seguida, verifique se ele contém 50 questões e a Redação.
2. Cada questão apresenta quatro alternativas de resposta, das quais apenas uma é a correta. Preencha, no cartão-resposta, a letra correspondente à resposta julgada correta.
3. O cartão-resposta é personalizado e não será substituído em caso de erro durante o seu preenchimento. Ao recebê-lo, verifique se seus dados estão impressos corretamente; se for constatado algum erro, notifique ao aplicador de prova.
4. As provas terão a duração de **cinco horas**, já incluídas nesse tempo a marcação do cartão-resposta, a transcrição da folha de resposta e a coleta da impressão digital.
5. Você só poderá retirar-se do prédio após terem decorridas **duas horas de prova**. O caderno de questões só poderá ser levado depois de decorridas **três horas e trinta minutos** de prova.
6. **AO TERMINAR, DEVOLVA O CARTÃO-RESPOSTA E A FOLHA DE RESPOSTA AO APLICADOR DE PROVA.**

Leia o Texto 1 para responder às questões **01** e **02**.

### Texto 1

#### Lenda da lara

A lara é uma lenda do folclore brasileiro. Ela é uma linda sereia que vive no rio Amazonas, sua pele é morena, possui cabelos longos, negros e olhos castanhos. A lara costuma tomar banho nos rios e cantar uma melodia irresistível. Desta forma, os homens que a veem não conseguem resistir aos seus desejos e pulam dentro do rio. Ela tem o poder de cegar quem a admira e levar para o fundo do rio qualquer homem com quem ela desejar se casar. Os índios acreditam tanto no poder da lara que evitam passar perto dos lagos ao entardecer.

Segundo a lenda, lara era uma índia guerreira, que recebia muitos elogios do seu pai que era pajé. Os irmãos de lara tinham muita inveja dela e resolveram matá-la à noite enquanto ela dormia. Lara, que possuía um ouvido bastante aguçado, escutou o que eles tramavam e os matou. Com medo da reação de seu pai, lara fugiu. Seu pai, o pajé, realizou uma busca implacável e conseguiu encontrá-la. Como punição pelas mortes de seus irmãos a jogou no encontro entre os rios Negro e Solimões. Alguns peixes levaram a moça até a superfície e a transformaram em uma linda sereia.

Disponível em: <<http://lenda-e-lendas.blogspot.com.br/2012/08/lenda-da-lara.html>>. Acesso em: 30 out. 2013.

### — QUESTÃO 01 —

A regra cultural expressa pela narrativa é sintetizada no provérbio

- (A) “Olho por olho, dente por dente”.
- (B) “Devagar se vai ao longe”.
- (C) “Quem tem boca vai a Roma”.
- (D) “Casa de ferreiro, espeto de pau”.

### — QUESTÃO 02 —

Do parágrafo 1 para o parágrafo 2, há uma mudança no tempo verbal justificada pela

- (A) caracterização da protagonista.
- (B) retomada do relato suspenso.
- (C) evocação de lembranças passadas.
- (D) contextualização histórica dos fatos.

Leia o Texto 2 para responder às questões **03** e **04**.

### Texto 2

#### Corcunda, caolho, manco

— Por que você me salvou?

Ele a observou com ansiedade, tentando adivinhar o que ela dizia. Ela repetiu a pergunta, mas ele lançou-lhe um olhar profundamente triste e fugiu, deixando-a atônita. Após alguns momentos, o corcunda retornou, trazendo um pacote que atirou a seus pés. Eram roupas que mulheres caridosas haviam deixado nos degraus da igreja. Ela pôs rapidamente um vestido e um xale brancos: um hábito de noviça da Casa de Misericórdia. Mal acabara de se vestir, Quasímodo retornou, carregando um colchão sob um braço e um cesto sob o outro, onde havia uma garrafa, um pedaço de pão e alguns alimentos.

— Coma — ele disse, completando, ao estender o colchão pelo chão.

— Durma.

Era sua própria refeição e sua própria cama. A cigana levantou os olhos em sua direção para agradecer-lhe, mas não disse uma palavra: o pobre homem era realmente horrível. Então, ela abaixou a cabeça, tremendo de pavor.

HUGO, Victor. *O corcunda de Notre-Dame*. Capítulo 11. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/Literatura>>. Acesso em: 28 out. 2013.

### — QUESTÃO 03 —

Os referentes dos pronomes “Ele”, “ela”, “o”, “a”, nas três primeiras linhas do texto, somente são identificados nos enunciados seguintes, constituindo

- (A) uma estratégia persuasiva elocutiva.
- (B) um mecanismo de textualidade remissiva.
- (C) um desenvolvimento temático gradativo.
- (D) uma progressão textual catafórica.

### — QUESTÃO 04 —

No desfecho do fragmento citado, está evidenciado que o corcunda entregou à cigana todo o pouco que tinha na vida. Apesar disso, a avaliação final é que “o pobre homem era realmente horrível”, representando o conflito entre

- (A) o divino e o diabólico.
- (B) o infantil e o adulto.
- (C) o ser material e o ser imaterial.
- (D) o belo feminino e o rude masculino.

### — QUESTÃO 05 —

#### Texto 3

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adoptar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

MACHADO DE ASSIS. Joaquim Maria. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Capítulo 1, p. 2. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/pdf>>. Acesso em: 28 out. 2013.

O autor do fragmento justifica sua decisão de começar a narrativa pelo fim da história, usando como estratégia de convencimento, principalmente,

- (A) o efeito de humor dos enunciados.
- (B) o jogo com a disposição dos termos nas orações.
- (C) a comparação com outro escritor.
- (D) a intertextualidade com o discurso religioso.

Leia o Texto 4 para responder às questões 06 e 07.

#### Texto 4

##### O monstro embaixo da cama

Duvidei dos seus poderes e da sua existência, estendi a mão trêmula e sentenciei:

– Se existe mesmo, pegará minha mão.

Senti o calor e o toque mais quente que alguém com seis anos é capaz de imaginar.

MELLO, Ana. Disponível em: <[www.miniconto.com.br](http://www.miniconto.com.br)>. Acesso em: 5 nov. 2013.

### — QUESTÃO 06 —

O texto é um miniconto. Uma característica discursivo-estrutural relevante para cumprir os propósitos desse gênero é:

- (A) a predominância de itens lexicais, com alta carga semântica, o que favorece mais conteúdo em menos material linguístico.
- (B) a recorrência de pronomes possessivos para indicar os referentes protagonistas da minitrama.
- (C) o uso de discurso direto como recurso para atribuir voz ao narrador, que é portador de onisciência.
- (D) o uso do pretérito perfeito, com o objetivo de relatar as ações passadas, o que indica um momento anterior à enunciação.

### — QUESTÃO 07 —

O grupo de palavras que concorre diretamente para a construção do mundo de possibilidades no qual os fatos são construídos no texto “O monstro embaixo da cama” é:

- (A) poderes, minha, mão.
- (B) duvidei, se, é capaz, imaginar.
- (C) calor, alguém, seis, anos.
- (D) cama, toque, monstro.

### — QUESTÃO 08 —



Disponível em: <[www.cine10.com.br](http://www.cine10.com.br)>. Acesso em: 3 nov. 2013.

Além da significação mais básica da palavra “monstro”, as informações verbais e não verbais do cartaz relacionam essa palavra

- (A) às ações reconhecidamente desumanas.
- (B) às pessoas controladoras.
- (C) à alta capacidade intelectual.
- (D) à grave deformação física.

Leia o Texto 6 para responder às questões 09 e 10.

**Texto 6****Por uma vida menos plástica?**

Desde os anos 1970, as sacolinhas cumprem duas funções essenciais na rotina dos brasileiros. Servem para carregar as compras do supermercado e embalar o lixo doméstico. O problema, alertam os ambientalistas, surge na hora do descarte do produto. Essas mesmas sacolas plásticas, por descuido ou desleixo, entopem bueiros, causando alagamentos nas cidades. Seu longo ciclo de vida (demoram mais de 100 anos para se degradarem) faz ainda com que abarroteem aterros sanitários, onde correspondem a até 10% do lixo. Carregadas para rios e mares, as sacolinhas poluem o ecossistema e matam por asfixia ou indigestão animais marinhos, como peixes, aves e tartarugas. O fato é que a natureza simplesmente não conseguiu, até agora, encontrar um meio de digerir com eficiência esses "monstros" de polietileno. A solução, então, seria a sociedade livrar-se deste incômodo. Mas como? Algumas prefeituras e governos de Estados brasileiros tentaram criar leis que proibissem o fornecimento de sacolinhas em supermercados. Representantes da indústria de plástico recorreram à Justiça, que, por sua vez, considerou os projetos de lei inconstitucionais.

Disponível em: <[www.educacao.uol.com.br](http://www.educacao.uol.com.br)>. Acesso em: 4 nov. 2013.

**— QUESTÃO 09 —**

Segundo o projeto argumentativo do texto, que fatos levam as sacolinhas a serem chamadas de "monstros de polietileno"?

- (A) A capacidade de carregar itens pesados e de armazenar lixo doméstico.
- (B) A dificuldade de descarte e serem altamente poluentes.
- (C) A inconstitucionalidade das leis ambientais e a insistência do seu uso pela sociedade.
- (D) A impossibilidade de substituição das sacolas e a falta de cumprimento das leis.

**— QUESTÃO 10 —**

A macroestrutura do projeto argumentativo do texto sobre o uso das sacolinhas plásticas é resumida por:

- (A) benefícios – malefícios – solução radical.
- (B) causa – consequência – retorno às causas.
- (C) enumeração – adição – associação.
- (D) fatos – suposição – desdobramentos das suposições.

**— RASCUNHO —**

**— QUESTÃO 11 —**

Leia o texto a seguir.

Praticamente consenso nos documentos e pesquisas estudados é a dificuldade de se atrair bons estudantes para a docência com o pagamento de baixos salários e carreiras com poucas possibilidades de progressão [...] autores têm ressaltado que melhores salários poderiam atrair profissionais com melhor qualificação para a profissão docente.

BARBOSA, Andreza. As implicações dos baixos salários para o trabalho docente no Brasil. *Anais da 35ª ANPED*, GT 05, 2012. (Adaptado).

A respeito da realidade docente brasileira compreende-se que

- (A) baixos salários têm contribuído para o desinteresse dos estudantes na carreira docente.
- (B) salários altos garantiriam qualificação de excelência para a profissão docente.
- (C) professores bem remunerados são garantia de que os cursos de licenciatura seriam os mais procurados pelos estudantes.
- (D) pesquisas e documentos carecem de consenso quanto à relação entre o salário docente e a baixa procura pela profissão.

**— QUESTÃO 12 —**

De acordo com a Lei n. 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação básica, obrigatória e gratuita, inclui o

- (A) ensino informal.
- (B) ensino profissionalizante.
- (C) ensino fundamental.
- (D) ensino superior.

**— QUESTÃO 13 —**

De acordo com o Artigo 1º da LDB, “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” Tal documento disciplina a

- (A) educação que se desenvolve em todos os ambientes educativos.
- (B) educação escolar, que se desenvolve em instituições próprias.
- (C) educação formal e informal, que se desenvolvem em diferentes instituições.
- (D) educação técnica e profissional, que se desenvolvem nas escolas.

**— QUESTÃO 14 —**

No tocante à organização da educação básica brasileira descrita pela Lei de Diretrizes e Bases, cabe aos estados e municípios, respectivamente, assegurar

- (A) o ensino profissionalizante e oferecer, com prioridade, a educação formal; oferecer o ensino superior.
- (B) o ensino técnico e tecnológico; oferecer com prioridade a educação informal.
- (C) a oferta da educação básica; oferecer o ensino compensatório.
- (D) o ensino fundamental e, com prioridade, o ensino médio; a educação infantil e, com prioridade, o ensino fundamental.

**— QUESTÃO 15 —**

Leia o texto a seguir.

Compreender e realizar a educação, entendida como um direito individual humano e coletivo, implica considerar o seu poder de habilitar para o exercício de outros direitos, isto é, para potencializar o ser humano como cidadão pleno, de tal modo que este se torne apto para viver e conviver em determinado ambiente, em sua dimensão planetária. A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares, tendo em vista os diferentes sujeitos que a demandam.

CNE/CEB nº 7/2010. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

De acordo com o excerto, o direito à educação deve ser analisado

- (A) isoladamente, considerando que o processo educativo tem um tempo e lugar específicos.
- (B) com base nas relações sociais que se estabelecem no espaço da escola.
- (C) dentro de um conjunto de práticas e direitos que culminam em um processo de inclusão social.
- (D) como decorrência de um processo histórico de lutas dos movimentos sociais.

**— QUESTÃO 16 —**

De acordo com Paulo Freire (2000), o preparo científico do professor deve coincidir com sua retidão ética. Isso significa que

- (A) a formação científica e a postura ética são exigências à prática docente.
- (B) a formação científica do professor é o elemento fundante para a sua atuação.
- (C) a formação científica e a postura ética seguem princípios antagônicos na formação para a docência.
- (D) a formação científica refere-se aos conhecimentos didáticos da relação professor-aluno.

**— QUESTÃO 17 —**

Leia o trecho a seguir.

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o *formador* é o sujeito em relação a quem me considero o *objeto*, que ele é o sujeito que *me forma* e eu, o *objeto* por ele *formado*, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

No excerto, Paulo Freire refere-se a um modelo de educação do tipo

- (A) tradicional.
- (B) transmissiva.
- (C) bancária.
- (D) libertadora.

**— QUESTÃO 18 —**

Em geral, os saberes da docência dividem-se entre os conhecimentos específicos das diversas áreas de conhecimento e os saberes pedagógicos. Para Franco (2008), os saberes pedagógicos se fundamentam

- (A) nas práticas sociais historicamente construídas.
- (B) nos objetivos das teorias técnico-científicas.
- (C) nas diretrizes da racionalidade técnica.
- (D) nos princípios da administração gerencial.

**— QUESTÃO 19 —**

A avaliação da aprendizagem escolar pode ser realizada em várias dimensões, de acordo com os objetivos definidos pelo professor. No caso de uma avaliação formativa, o objetivo é:

- (A) classificar os estudantes de acordo com seu rendimento escolar, atribuindo-lhes uma nota eliminatória.
- (B) identificar as dificuldades que os alunos estão enfrentando na aprendizagem para, com base em informações, organizar novas formas de ensinar.
- (C) selecionar os alunos que são capazes de demonstrar domínio dos conhecimentos, atitudes e habilidades apresentados pelo professor.
- (D) oferecer elementos para a organização do sistema de ensino por meio da promoção ou retenção dos estudantes.

**— QUESTÃO 20 —**

De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica, o currículo é “constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes”. Esta regulamentação também prevê que os currículos devem se organizar em duas partes, sendo uma *base nacional*, comum a todo o país, e uma *parte diversificada*, a ser definida pelos

- (A) secretários municipais e gestores escolares.
- (B) governos estaduais e municipais.
- (C) conselhos escolares e gestores escolares.
- (D) sistemas de ensino e pelas escolas.

**— RASCUNHO —**

Leia o texto a seguir para responder às questões de 21 a 25.

### O mínimo necessário

Nos jornais e TVs, por uma ou outra razão (a publicação de algum relatório, nacional ou internacional) demanda-se qualidade de ensino. O país teria resolvido – ou quase – a questão do acesso à escola. Mas ainda falta dar qualidade ao ensino (quase sempre se trata de possível solução para o aumento da produtividade no trabalho).

No caso de ensino de língua, reconhecidamente um dos principais núcleos da escola, já que tudo passa pela linguagem, assiste-se a um enorme paradoxo: pede-se capacidade de leitura e escrita, porque aumentariam a produtividade no trabalho moderno, mas os exemplos de problemas, e, especialmente, suas "análises", nunca ultrapassam a ortografia e alguma regra de morfossintaxe (as regências têm tido seus dias de glória). Não me lembro de ter ouvido algum desses "especialistas" citando uma gramática decente a propósito de uma questão qualquer, mais ou menos crucial.

[...]

Dito isso, gostaria de apresentar o que seria, a meu ver, um projeto coerente que contivesse os requisitos mínimos para que nossa escola pudesse mudar para melhor, mesmo que não se investisse nela o necessário (não que ache que todos devam ter *tablet*; acho mesmo que todos devem ter livros, que deve haver quadras de esporte, salas boas e limpas; o básico, mesmo que não seja chic!).

Entre as proibições, incluiria exercícios de preenchimento, leitura de identificação de respostas óbvias no texto, ditados (especialmente os de pronúncia falsificada), análise gramatical baseada em decoreba. Por quê? Pela simples razão de que não é assim que se aprende uma língua. É só ver que uma criança não passa por isso para aprender a falar. E aprende!

Haveria tópicos obrigatórios:

a) leitura de material variado (jornal, revista, literatura – especialmente literatura) em alta escala, e na própria escola, tão logo os alunos dominassem os mecanismos básicos da língua escrita (antes disso, os professores leriam para eles);

b) escrita constante, várias vezes ao dia, todo dia: narrativas, comentários, resumos, paródias, paráfrases, diário, cartas, etc. Muita leitura e escrita, simplesmente porque é assim que se passa a dominar a língua escrita, assim como é falando e ouvindo que se aprende ou domina a falada;

c) como a língua é lugar de marcação de identidades sociais e, frequentemente, de discriminação, a escola daria ênfase à análise dos aspectos da língua que são pretexto de discriminação social.

[...]

Os chamados vulgarmente "erros", a escola analisaria em primeiro lugar as construções dialetais que ensejam discriminação, aquelas formas que os sociolinguistas chamam de marcadores (que alguns falantes usam e outros não, numa região, por critérios de classe social). Por exemplo, formas como "menas", "paiaço", "muié", "carça", construções como "os livro" e "nós vai". Atenção: tais formas deveriam ser analisadas, não apenas condenadas!

Em seguida, a atenção se voltaria para formas linguísticas menos marcadas, aquelas que não marcam socialmente, embora sejam "condenadas" em textos mais monitorados ("foi descoberto duas minas"; "um casal foi viajar. Eles foram atacados").

Só no fim do processo a escola daria atenção a formas que não são mais socialmente marcadas, as que exigem a autoridade da escola para serem consideradas erros, porque não são mais percebidas como tais ("assistir o jogo", "vende-se flores", etc.).

Explico as razões desta ordenação: sabe-se que o padrão linguístico está ligado à aceitação de certas formas pelos segmentos dominantes da sociedade (ou seja, o padrão não está

só fundado na tradição; ele também muda). Se segmentos sociais de prestígio (dominantes) usam certas formas sem dar-se conta de que há algum "problema" com elas, isso significa que já pertencem ao padrão, ou seja, que "não há problema" com elas.

Seguindo esse critério, depois de "eliminar" as formas socialmente marcadas, a escola se dedicaria às menos marcadas, como as relativas ("o menino que eu falei com ele..."), as cada vez mais frequentes construções em tópico e comentário ("as manifestações, elas estão sem foco"; "minha bolsa cabe tudo", etc.) e outras.

Finalmente, a escola se dedicaria a formas que ninguém mais percebe que estão "erradas", exceto os ranzinzas. É aqui que se poderiam incluir a colocação dos pronomes e certas regências (namorar, preferir). Além de expressões como "TV a / em cores" (mais como curiosidades, de fato). Seria bom que a escola se desse conta de que há casos de verdadeiras mudanças, que só não são aceitas na escrita por mero saudosismo ou purismo exagerado.

Como se pode ver, não há nada de revolucionário num projeto assim. A única diferença, que, na verdade, é fundamental, capaz de mudar o "espírito" da disciplina, é a análise das formas consideradas erros. Quando a escola souber analisar formas como "abobra" e "paiaço" e, em seguida, for capaz de explicar as razões pelas quais, em tese, elas não se escrevem, teremos mudado de patamar. As famosas listas de erros (que misturam tudo e não explicam nada) e correções baseadas só na autoridade farão com que nossa escola permaneça no mesmo lugar.

E discriminando.

POSSENTI, Sirio. *Revista Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/fixos/o-minimo-necessario-295929-1.asp>>. Acesso: 9 nov. 2013.

### — QUESTÃO 21 —

No texto, o autor defende a ideia de que um ensino mais produtivo de língua materna deve pautar-se pela

- adequação física da escola à necessidade humana de interagir com um espaço limpo para a fruição da aprendizagem.
- especialização nas construções dialetais passíveis de discriminação social, excluindo-se o estudo da norma padrão.
- preservação do erro como forma de pacificar conflitos linguísticos resultantes de diferentes graus de conhecimento dos usuários da língua.
- reflexão sobre as formas existentes na língua independentemente do fato de pertencerem à norma padrão.

**— QUESTÃO 22 —**

No texto, o autor aponta um paradoxo vivido pela escola em relação ao ensino de língua materna. Esse paradoxo pode ser explicado

- (A) pela incoerência entre o que se diz e o que se faz: os atos de ler e de escrever são apontados como fundamentais para melhorar a qualidade do ensino, contudo, a explicitação do problema é feita por meio de exemplos de ordem gramatical.
- (B) pela substituição do essencial pelo accidental: investimentos caros em tecnologia são feitos, porém, as escolas dispõem de quadra de esportes e salas de aulas arejadas, limpas e acolhedoras para o desenvolvimento das aulas.
- (C) pela inconsistência de materiais didáticos: os instrumentos de que o professor dispõe divulgam uma concepção atualizada de língua, entretanto, apresentam exercícios de preenchimento e leitura de identificação de respostas óbvias nos textos.
- (D) pelo conservadorismo dos segmentos sociais de prestígio: os usuários da norma padrão utilizam algumas formas linguísticas sem perceber que há algum problema gramatical, no entanto, resistem em aceitá-las como adequadas.

**— QUESTÃO 23 —**

O exemplo “um casal foi viajar. Eles foram atacados”, citado pelo autor como *formas linguísticas condenadas em textos mais monitorados*, é normalmente rejeitado pela tradição gramatical pelo fato de que

- (A) os dois períodos dispõem de nexos sintáticos que contribuam para a produção de sentido.
- (B) o pronome que faz referência ao sintagma *um casal* está pluralizado quando deveria estar no singular.
- (C) os enunciados estão desconectados de uma parcela maior de texto, o que impede um estudo respaldado na conhecida *gramática contextualizada*.
- (D) o sintagma verbal *foi viajar*, da primeira oração, deveria concordar em número com o sujeito *um casal* dessa sentença.

**— QUESTÃO 24 —**

O ponto de vista defendido pelo autor e a argumentação utilizada para defender tal ponto de vista revela que Pos-senti (2013) concebe a língua e a linguagem como

- (A) processo interativo, em que os diferentes usos sociais da língua são considerados relevantes para garantir o sucesso comunicativo.
- (B) expressão do pensamento, em que se julga que as pessoas se expressam mal por pensarem inadequadamente.
- (C) instrumento de comunicação, em que um conjunto de signos se combina para transmitir uma mensagem independentemente de quem é o interlocutor.
- (D) estímulo a respostas, que leva em conta o fato de que um estímulo verbal é reforçado quando se tem uma resposta positiva a ele.

**— QUESTÃO 25 —**

No texto, o autor comenta que uma sentença como *vende-se flores* necessita da autoridade da escola para ser considerada erro, já que não é mais percebida como tal. Essa mudança na percepção do usuário da língua se deve ao fato de que

- (A) a sentença é pouco produtiva na fala e bastante produtiva na escrita.
- (B) uma forma verbal no presente, em contexto comercial, passa a exigir pronome oblíquo com função reflexiva.
- (C) uma sentença na voz passiva sintética com sujeito realizado é interpretada como uma sentença com sujeito indeterminado.
- (D) a expressão nominal posposta ao verbo é vista como núcleo sentencial.



Os dados a seguir representam a fala de uma criança com desvio fonológico. A coluna da esquerda diz respeito à ortografia oficial da palavra. A coluna da direita é a transcrição fonética da fala da criança. Tais dados deverão ser utilizados para responder às questões 26 e 27.

1. casa	[ 'kase ]
2. vaca	[ 'fake ]
3. chuva	[ 'ʃufe ]
4. tia	[ 'tʃie ]
5. janela	[ ʃa 'nele ]
6. sapo	[ 'sapu ]
7. agacha	[ a 'kaʃe ]
8. já	[ 'ʒa ]
9. ajuda	[ a 'ʃute ]

SILVA, Thais Cristóforo. *Exercícios de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 71.

### — QUESTÃO 26 —

Em situação hipotética, você é professor de língua portuguesa. A direção da escola em que você trabalha pede que você emita um parecer, dizendo em que consiste o desvio fonológico da criança. No parecer, você deverá escrever que a criança

- (A) substitui consoantes sonoras por consoantes surdas.
- (B) troca consoantes oclusivas por consoantes fricativas.
- (C) escolhe usar na fala consoantes cujo ponto de articulação são os alvéolos.
- (D) seleciona consoantes cuja pronúncia está mais adequada à sua variedade de fala.

### — QUESTÃO 27 —

Uma alternativa sociocognitivamente adequada para tentar resolver o problema do desvio fonológico da criança é:

- (A) conscientizar os pais da criança de que o problema tem causas neurológicas hereditárias.
- (B) exigir dos órgãos públicos a contratação de um fonoaudiólogo para a escola.
- (C) criar condições para que a criança, ao falar e ao escrever, faça reflexão sobre seu desvio.
- (D) subtrair nota da criança todas as vezes que cometer um desvio ortográfico na escrita.

### — RASCUNHO —

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

CENTRAIS ELÉTRICAS DE GOIÁS S.A. AV. ANHANQUERA, 5.105 - GOIÂNIA - GO		NOTA FISCAL CONTA DE ENERGIA ELÉTRICA				COC 01.543.032/0001-04 INSC. ESTADUAL 100.549.420	
NOME: END:	NÚMERO DA CONTA	CLASSIFICAÇÃO	MEDIDOR	FATOR DE MULTIPLICAÇÃO	LEITURA	APRESENTAÇÃO DA 1ª MES	APRESENTAÇÃO DA 2ª MES
		RZ-62 PES. MENO	326108	1,00	053	12/12	22/12
UM BOM LIVRO MERECE SER LIDO POR MUITOS.							
ESPECIFICAÇÃO					VALOR		
CONSUMO DE 128 KWH + ICMS .....					7.669,38		
ACRESCIMO LABORATORIO REF. MES(S) 08/51					486,46		
ICMS ALICUOTA DE 25, JA INCLUC****1.517,20					TOTAL A PAGAR		
VENCIMENTO					R\$*****8.155,84		
AUTENTICAÇÃO					02/01/92		

Nos dias quentes utilize a chave do chuveiro na posição VERAO. Nunca mude a chave com o chuveiro ligado.

FATURA DE ENERGIA. Jan., 1992. (Documentação pessoal).

### — QUESTÃO 28 —

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros textuais são dinâmicos, históricos, sociais, estabilizados em formatos mais ou menos claros. Na fatura de energia da década de 1990, o incentivo à leitura e a dica para se economizar energia criam o efeito de que

- (A) o propósito comunicativo do texto fica impossibilitado de ser alcançado devido à ausência de nexos entre as duas informações.
- (B) a falta de leitura pode levar as pessoas a desperdiçar energia elétrica nos dias quentes de verão.
- (C) a empresa está deixando de cumprir sua real função para avançar para domínios fora de seu âmbito de atuação.
- (D) o enunciador tem um compromisso social, além do compromisso de apresentar informações pertinentes ao gênero “fatura de energia elétrica”.

### — QUESTÃO 29 —

O uso de letras maiúsculas na escrita da palavra *verão* no quadrinho tem a função de

- (A) reproduzir uma indignação da personagem representada.
- (B) focalizar a informação considerada relevante pelo enunciador.
- (C) garantir que leitores com problemas visuais leves leiam com clareza o texto.
- (D) indicar que o verão é a estação mais favorável a doenças.

Leia o texto a seguir para responder às questões 30 e 31.

**A necessidade de lançar desafios/provocar discussões nas aulas de língua/linguagem**

Aprendemos durante a vida toda que adjetivo é a palavra que qualifica o substantivo. Como ocorre com tudo o que se aprende de “gramática” na escola, ninguém nos desafiou a pôr essa definição à prova. Ninguém nunca pediu, por exemplo, que disséssemos qual a qualidade que está sendo atribuída ao substantivo *hospital*, quando a ele se junta o adjetivo *infantil* (*hospital infantil*) ou ao substantivo *perícia*, quando a ele se junta o adjetivo *médica* (*perícia médica*).

Se tivéssemos feito isso enquanto éramos aluninhos, já naquela primeira vez em que a categoria “adjetivo” nos foi apresentada, com certeza nos teriam posto em situação de dizer *Não sei*, e de provocar alguma discussão. Como teria sido bom, já que discutir questões, afirmações, categorizações é o que mais a escola tem a fazer! Saídos da escola, profissionais já, possivelmente até professores de português, talvez ainda nos perguntamos um pouco se tivéramos de pôr tal definição à prova.

Como se percebe, a conceituação que nos dão é, no mínimo, inexata. O conceito de adjetivo teria de ser tratado de forma complementar ao de substantivo (comum). [...] *Hospital* é substantivo porque nomeia qualquer entidade que tenha um feixe de propriedades que façam dela um “hospital”, e *infantil* é adjetivo porque vem trazer a esse feixe mais uma propriedade (a propriedade: *que atende criança*), a qual restringe o conceito àqueles hospitais que fazem atendimento a crianças (observando-se que as propriedades de *hospital* se mantêm). Com o conjunto de substantivo e adjetivo, estaria referido um certo subtipo de hospital, uma subclasse.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Ensino de língua e vivência de língua-gem: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

**— QUESTÃO 30 —**

Antunes (2003, p. 31) apresenta uma série de constatações sobre como tem sido o ensino de gramática nas escolas. Qual das constatações dessa autora está adequada à crítica de Neves (2010)?

- (A) *Uma gramática amorfa, da língua como potencialidade.*
- (B) *Uma gramática fragmentada, sem sujeitos interlocutores.*
- (C) *Uma gramática da irrelevância, com primazia em questões sem importância.*
- (D) *Uma gramática petrificada, de uma língua supostamente uniforme.*

**— QUESTÃO 31 —**

No texto, Neves (2010) defende a ideia de que discussões sobre a língua/linguagem devem ser feitas durante as aulas de Português. Baseando-se em Abreu (2005), qual dos tipos de argumentos apresentados a seguir a autora utiliza para defender sua ideia?

- (A) Argumento por meio de definição, verificado no trecho em que a autora define adjetivo.
- (B) Argumento por meio do ridículo, visível no momento em que a autora utiliza o diminutivo para *alunos*.
- (C) Argumento por meio de exemplificação, notável quando a autora usa o exemplo do *hospital infantil*.
- (D) Argumento por meio do consenso, em que se utiliza de uma afirmação à qual ninguém contra-argumentaria.

**— QUESTÃO 32 —**

Ao longo do século XX uma das importantes contribuições da Linguística para o ensino escolar da língua materna foi a revisão do conceito de “erro”. Quando um estudioso da Linguística afirma que os chamados “erros comuns” em língua materna não são erros e sim “regras gramaticais novas que evidenciam fenômenos diversos de mudança e variação linguística” (BAGNO, 2007, p. 45), ele concebe regras gramaticais como:

- (A) as correspondências entre língua falada e língua escrita.
- (B) as escolhas individuais de cada falante da língua materna.
- (C) as normas expostas na Nomenclatura Gramatical Brasileira.
- (D) as relações estruturais internas ao sistema linguístico em uso.

**— QUESTÃO 33 —**

Pressupostos de base socioconstrucionista sustentam boa parte dos estudos atuais sobre alfabetização e letramento. O modelo socioconstrucionista para a entrada da criança na aquisição da escrita prevê que ela comece a aprender a escrever por meio de:

- (A) atividades diversificadas em etapas lineares e regulares de grafização do desenho à escrita.
- (B) modos variados de participação nas práticas discursivas orais em que as atividades escritas ganham sentido.
- (C) representações gráficas das diversas falas que ela escuta durante o período de aquisição da língua falada.
- (D) técnicas planejadas de forma sistemática por adultos durante o processo de escolarização.

**— QUESTÃO 34**

Leia os textos a seguir.

**Texto 1**

[o letramento é] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 18.

**Texto 2**

[o estudo de gêneros do discurso é] o estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros de enunciados nas diferentes esferas da atividade humana tem importância capital para todas as áreas da linguística e da filologia. Isto porque um trabalho de pesquisa acerca de um material linguístico concreto – a história da língua, a gramática normativa, a elaboração de um tipo de dicionário, a estilística da língua, etc. – lida inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais), que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e da comunicação.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. Maria Em-santina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 238.

Adotando a concepção de letramento de Kleiman (1995) e o estudo de gêneros do discurso de Bakhtin (1997), um professor de língua portuguesa deve priorizar como fonte primária principal de desenvolvimento das práticas letradas em sala de aula:

- (A) as gramáticas normativas disponíveis em língua portuguesa.
- (B) as práticas letradas contemporâneas já conhecidas por seu alunado.
- (C) os artigos científicos e livros teóricos sobre língua portuguesa.
- (D) os dicionários autorizados com o novo acordo ortográfico.

**— QUESTÃO 35**

A concepção de uma língua isolada, fechada e monológica, desvinculada de seu contexto linguístico real, corresponde à compreensão passiva que filólogos e sacerdotes tinham de uma língua estrangeira, escrita e morta. (CAMACHO, 2001, p. 65)

Os dois processos identificados pelos estudos sociolinguísticos centrais para uma visão real da língua são:

- (A) a aquisição e o processamento cognitivo.
- (B) a hipercorreção e o rotacismo.
- (C) a variação e a mudança linguísticas.
- (D) o desenvolvimento da escrita e da civilização.

**— QUESTÃO 36**

Uma aluna de 14 anos, depois de participar de um debate em sala de aula sobre um filme, escreve o seguinte bilhete para a professora de língua portuguesa: “professora, a discussão foi boa, mas eu não entendi bein o final do filme”. A professora destaca as palavras “discussão” e “bein”. Numa perspectiva sociodiscursiva, ao conversar com a aluna sobre bilhete, a professora deve considerar tais formas das palavras como:

- (A) criatividade da aluna em decorrência da exposição à escrita.
- (B) erros graves de escrita que já deveriam ter sido superados nessa idade.
- (C) hipóteses de escrita coerentes com o sistema ortográfico do português.
- (D) indício de problemas de audição que afetam a prática escrita.

**— QUESTÃO 37**

Um estudante aproxima-se do professor de língua portuguesa no começo da aula para perguntar o significado de uma palavra que não entendeu na aula de Química, “halogênio”. Ao escutar a palavra em voz alta, uma colega resolve fazer uma brincadeira e diz: “alô, gênio!”. O professor identifica o processo linguístico que a colega usou para fazer a brincadeira e aproveita a ocasião para discutir os efeitos de sentido desse processo. O processo desencadeado é predominantemente de natureza:

- (A) fonológica
- (B) ortográfica
- (C) sintática
- (D) textual

**— QUESTÃO 38**

A produção musical contemporânea conta com material diversificado para ensinar a língua portuguesa na escola. Neste trecho da letra da música “Samba do approach”: “Venha provar meu brunch/ Saiba que eu tenho approach/ Na hora do lunch/ Eu ando de ferryboat”, quais são os processos morfológicos predominantes que podem ser trabalhados em aula de língua portuguesa?

- (A) Abreviação e acronimia.
- (B) Empréstimo e lexicalização.
- (C) Flexão e derivação.
- (D) Sufixação e prefixação.

**— QUESTÃO 39 —**

Considere as seguintes afirmações:

A escrita adquire sentido para o sujeito na dependência do(s) sentido(s) que se apresenta(m) para seus diferentes grupos sociais de inserção. (ROJO, 1995, p. 82)

Há uma presença significativamente maior de analfabetos funcionais na área rural (44%) do que na área urbana (24%), ainda que os avanços da área rural tenham sido significativamente maiores na década. (INAF, Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, 2012, p. 16)

Ambas as afirmações enfatizam fundamentalmente:

- (A) a relação entre contextos sócio e geopolíticos e as práticas de letramento.
- (B) a diferença geográfica no modo como grupos sociais se dedicam ao letramento.
- (C) a determinação regional e social exigida no desenvolvimento do letramento.
- (D) o atraso inevitável de determinados grupos no que diz respeito ao letramento.

**— QUESTÃO 40 —**

As *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* assumem uma abordagem explicitamente interacionista em sua proposta para Conhecimentos de Língua Portuguesa (BRASIL, 2008). O princípio geral dessa abordagem é:

- (A) o ser humano aprende repetindo a língua que ouve.
- (B) o ser humano possui uma gramática universal inata.
- (C) o ser humano se constitui sujeito pela linguagem.
- (D) o ser humano usa a linguagem como código.

**— QUESTÃO 41 —**

Bakhtin (1997) define gêneros discursivos como tipos relativamente estáveis de enunciados e complementa que a riqueza e variedade da atividade humana comunicativa são inesgotáveis. Segundo essa definição, a exploração dos gêneros discursivos na aula de língua portuguesa deve levar em consideração:

- (A) a heterogeneidade dos gêneros do discurso orais e escritos.
- (B) a estabilidade de elementos enunciativos presentes nos gêneros do discurso.
- (C) a comunicação humana organizada pelos tipos de enunciados.
- (D) a quantidade e a qualidade de enunciados disponíveis em discursos.

**— QUESTÃO 42 —**

Em situação hipotética, uma professora de língua portuguesa preparou um exercício com enunciados para discutir com a turma algumas formas de ambiguidade. O primeiro enunciado escolhido para discussão foi “Homens e mulheres competentes têm os melhores empregos”. Esse enunciado é pertinente para a discussão de ambiguidade:

- (A) de escopo.
- (B) fonológica.
- (C) de léxico.
- (D) sintática.

**— QUESTÃO 43 —**

Leia o texto a seguir.

Ao ler este texto, muitos educadores poderão se perguntar onde está a literatura, a gramática, a produção do texto escrito, as normas. Os conteúdos tradicionais foram incorporados por uma perspectiva maior, que é a linguagem, entendida como espaço dialógico, em que os interlocutores se comunicam. (...)

O ponto de vista, qualquer que seja, é um texto entre textos e será recriado em outro texto, objetivando a socialização das formas de pensar, agir e sentir, a necessidade de compreender a linguagem como parte do conhecimento de si próprio e da cultura e a responsabilidade ética e estética do uso social da língua materna.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2000. p. 23.

Ainda que o texto literário seja texto como os demais textos, o princípio apresentado no excerto sobre os “Conhecimentos de Língua Portuguesa” dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* apresenta um problema, corrigido pelas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, porque desconsidera que o texto literário

- (A) apresenta o literário como um gênero qualquer, dado que todo texto é igual.
- (B) apresenta sempre um estranhamento da linguagem, dado que é estético.
- (C) é voltado para a imaginação, uma vez que transforma a realidade em ficção.
- (D) é o menos pragmático, uma vez que pouco visa a aplicações práticas ou utilitárias.

**— QUESTÃO 44 —**

Como toda arte, a Literatura convoca o pensamento e a sensibilidade e é libertadora da subjetividade. No entanto, sobretudo no que diz respeito ao ensino, a Literatura se diferencia das demais artes porque

- (A) a linguagem verbal apresenta maior possibilidade de representação da realidade.
- (B) o material que a constitui é o mesmo empregado na comunicação verbal em geral.
- (C) os temas e os conteúdos que lhe dizem respeito são mais variados e mais cotidianos.
- (D) as formas e as técnicas decorrem de ausência de uso de instrumentos específicos.

**— QUESTÃO 45 —**

A voz de autoridade ainda é uma instância legítima quando se considera a escolha de livros literários a serem lidos na escola para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. E embora a quase totalidade dos jovens que frequenta a escola leia movida pelo desejo imediato e não apresente referências nem experiência literárias,

- (A) o gosto pela leitura é mediado pelo mercado literário de acordo com as campanhas do governo, e isso inclui estratégias comerciais de circulação de livros.
- (B) a escola sempre adota um procedimento sistemático que de um modo ou de outro interfere até nas escolhas mais aleatórias dos jovens.
- (C) o cânone apresentado pelos livros didáticos influencia e orienta as obras que os jovens escolhem e determina o gosto literário destes.
- (D) os livros passam previamente por especialistas em faixa etária, educação e por editores e críticos que valoram a qualidade literária dos produtos.

**— QUESTÃO 46 —**

Além de ser mais recente, o romance se distingue de gêneros como a epopeia, a lírica, a tragédia e a comédia porque

- (A) surgiu variadamente constituído de gêneros simples, como a réplica e a anedota, e de outros mais complexos, como a epístola e a instrução.
- (B) recorre a empregos mais cotidianos da linguagem verbal e se distingue mais claramente pela diferença entre autor e narrador.
- (C) originou-se a partir do processo de decadência da aristocracia e de ascensão da burguesia, que substituiu o herói pelo homem comum.
- (D) desenvolve-se em torno de um foco narrativo e ponto de vista articulados em relação ao espaço, ao tempo e às personagens.

**— QUESTÃO 47 —**

Para a historiografia tradicional, a periodização da Literatura Brasileira se inicia a partir do Barroco da Literatura Portuguesa. Embora isso, há na poesia brasileira gêneros de fonte medieval, como é o caso do

- (A) poema narrativo.
- (B) soneto italiano.
- (C) romance de cordel.
- (D) poemeto heroico.

**— QUESTÃO 48 —**

Sabe-se que uma das propostas contemporâneas do ensino de literatura na escola diz respeito à revisão da articulação entre autor, obra e período, dado que, nessa tríade, as escolas literárias são determinadoras da orientação de leitura dos textos. Uma proposta recorrente, embora pouco praticada, é presentificar o princípio sincrônico e o princípio diacrônico do ensino de literatura, comparando autores, obras e períodos por pontos comuns. Nesse sentido, dois pontos comuns entre Gonçalves Dias e Manuel Bandeira seriam

- (A) o sentimentalismo e o emprego coloquial da linguagem.
- (B) o lirismo intimista e a variedade formal da obra poética.
- (C) o lirismo ensimesmado e a recorrência de formas fixas.
- (D) o idealismo e a variação entre métrica popular e erudita.

**— QUESTÃO 49 —**

Em tese, diz-se que o romance *O tronco*, de Bernardo Élis, ficcionaliza eventos da disputa pelo poder no norte de Goiás entre os anos 1917 e 1918. Apesar de igual expressão realista e de também integrar o estilo regionalista, o romance de Bernardo Élis se distingue do romance de Graciliano Ramos, pelo fato de *Vidas secas*

- (A) apresentar um enredo a respeito de um período histórico da região Nordeste do Brasil, sem tratar pontualmente de eventos históricos.
- (B) representar protagonistas vítimas da seca nordestina, típicos exemplares da miséria que assola vários dos rincões do Brasil.
- (C) enfatizar objetivamente a relação dos indivíduos tanto com o meio natural no que diz respeito ao cenário político e suas condições culturais.
- (D) tratar da dialética entre opressores e oprimidos sem configurar materialmente personagens exemplares daquela classe social.

**— QUESTÃO 50 —**

O *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, configura-se como tal por constituir uma peça teatral poética que focaliza temas religiosos e profanos, como é o caso do julgamento do cangaceiro Severino de Aracaju e do protagonista João Grilo. Já *Anjo negro*, de Nelson Rodrigues, configura-se como uma tragédia porque representa um círculo vicioso de erros e crimes do casal protagonista Ismael e Virgínia. No entanto, ambas as peças se distinguem de seu gênero de tradição porque

- (A) o *Auto da compadecida* representa fenômenos insólitos como o gato que “descome” dinheiro, enquanto em *Anjo negro* os protagonistas deixam de representar a classe dominante.
- (B) no *Auto da compadecida* prevalece o humor sobre a fé, ao passo que em *Anjo negro* os protagonistas ou heróis carecem de punição.
- (C) no *Auto da compadecida* os atos profanos do protagonista são perdoados, enquanto em *Anjo negro* à série trágica falta o restabelecimento da ordem.
- (D) o *Auto da compadecida* se dedica ao humor e misticismo sertanejo do nordestino, ao passo que *Anjo negro* apresenta uma solução amigável entre as personagens trágicas.

## REDAÇÃO

### Instruções

Você deve desenvolver seu texto em um dos gêneros apresentados nas propostas de redação. O tema é único para as duas propostas. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema ou cópia da coletânea anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases. Quando for necessária, a transcrição deve estar a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema:

**Impactos das avaliações externas no trabalho pedagógico dos professores**

### Coletânea

1.



Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/isto-da-certo/categoria/pedagogia/>>. Acesso em: 13 nov. 2013.



## 2. Avaliações educacionais

Tory Oliveira

Provinha Brasil, Prova Brasil, Saeb, Enem. A trajetória dos alunos das escolas públicas pela Educação Básica é marcada hoje pela participação em uma série de siglas ligadas a avaliações que, em larga escala, foram desenhadas com o objetivo de aferir seus conhecimentos em algumas disciplinas e realizar um diagnóstico da qualidade do ensino oferecido pela instituição ou rede responsável por sua formação. Criadas em meados dos anos 80 e 90 visando melhorar o gerenciamento do sistema educacional brasileiro, os resultados das avaliações hoje extrapolaram os muros da escola e chegaram à opinião pública, estampados nas páginas dos jornais.

No entanto, as siglas que denominam as avaliações educacionais brasileiras escondem polêmicas e discussões sobre seu real efeito dentro das secretarias de educação e das escolas. Especialistas concordam que as avaliações funcionam como um termômetro, uma evidência do que está acontecendo dentro dos sistemas de ensino, mas alertam que as informações trazidas por elas nem sempre chegam às mãos de gestores, diretores e professores e, quando chegam, raramente são incorporadas às práticas pedagógicas. A interpretação e os usos desses resultados pelos governos e pela imprensa, em geral focalizados no desempenho e na posição do ranking de cada escola ou rede, também são motivos de controvérsia.

As avaliações passaram a chamar mais atenção a partir da criação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), em 2007. Calculado com base no desempenho dos estudantes do 5º e do 9º ano, do Ensino Fundamental na Prova Brasil, e nas taxas de aprovação, o Ideb intensificou a visibilidade pública dos resultados obtidos pelas redes e escolas. “Antigamente, a comunidade externa pouco pensava sobre a avaliação da qualidade da educação nacional”, lembra Isabelle Fiorelli, professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL) na área de política e gestão da educação. Em alguns casos, o resultado de uma escola no índice passou a ser encarado como um retrato da qualidade de ensino ofertado pela instituição. Na esteira da intensificação e valorização das avaliações nacionais, muitos estados e municípios passaram a produzir seus sistemas avaliativos. Em São Paulo, alunos dos Ensinos Fundamental e Médio participam do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), desde 1996. Em Minas Gerais, os alunos são avaliados pelo Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (Simave). Já no Rio Grande do Sul, os estudantes são avaliados pelo Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (Saers). Em meio a tantas avaliações, em qual medida os resultados obtidos vêm sendo aproveitados pelos gestores e professores de modo a contribuir para a revisão e formulação de políticas públicas da educação?

A resposta varia de acordo com cada sistema de ensino ou local. Como a gestão da Educação Básica é descentralizada, os mesmos resultados são aproveitados de maneira distinta por estados e municípios. “Alguns utilizam os resultados de forma economicista e meritocrática enfaticamente, outros estão meio perdidos, e outros avançaram no sentido de utilizá-lo como termômetro na redefinição da política de seu sistema de ensino”, aponta Isabelle.

Apesar da diversidade, a contribuição efetiva das avaliações na busca da qualidade de ensino tem sido, em geral, muito restrita.

Para Adriana Bauer, professora da Faculdade de Educação da USP e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, não é possível generalizar os efeitos das avaliações na educação brasileira. “Um sistema de avaliação consolidado, como o de São Paulo, tem mais condições de fazer uso desses resultados, em relação a um com menos tradição”, exemplifica.

Os usos e o entendimento dos resultados de avaliações como a Prova Brasil pela escola esbarra em algumas questões espinhosas, como a pressão em classificar e comparar o desempenho das instituições de ensino.

A entrada das escolas na corrida pelo ranqueamento, de maneira desenfreada e pouco crítica, é uma das razões da dificuldade de apropriação dos resultados das avaliações, aponta Isabelle Fiorelli. “As escolas tomam para si toda a responsabilidade por seu fracasso ou sucesso”, observa ela.

Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental>>. Acesso em: 11 nov. 2013. (Adaptado).

### 3. A avaliação dos estudantes no início do Ensino Fundamental

Carolina Vilaverde

A avaliação dos estudantes logo no início do Ensino Fundamental é uma ferramenta para que os profissionais da Educação possam intervir e ajudar as crianças a adquirirem as habilidades esperadas. “Os dados têm indicado que as crianças são capazes, desde muito cedo, de aprender a ler e a escrever [...]. É necessário, assim, avaliar mais precocemente a fim de que se possa intervir, também, mais precocemente”, aponta a professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Gladys Rocha.

Segundo ela, os resultados das avaliações devem ser um instrumento na mão dos professores e gestores: “A avaliação pode, efetivamente, converter-se em um instrumento a serviço da escola, dos professores e, sobretudo, da aprendizagem dos alunos”, diz.

Leia abaixo a entrevista que a educadora concedeu a C. Vilaverde.

#### **C. V. - Qual a importância de avaliar a alfabetização das crianças?**

Gladys Rocha - Avaliar a alfabetização é importante porque permite, por um lado, identificar os níveis de aprendizagem dos alunos e, por outro, ao identificar esses níveis é possível ter subsídios para definir metas para o ensino. Um outro aspecto refere-se ao fato de que os dados têm indicado que as crianças são capazes, desde muito cedo, de aprender a ler e a escrever, o que ajuda a desmistificar a ideia de que sujeitos, em função de realidades contextuais desfavoráveis, não tenham essa capacidade. É necessário, assim, avaliar mais precocemente a fim de que se possa intervir, também, mais precocemente.

#### **C. V. - Qual o efeito de avaliar a alfabetização para as escolas? E dentro da sala de aula? E para o aprendizado dos alunos?**

Gladys - Uma das grandes limitações da avaliação externa à escola está na sua recepção pelos professores e demais profissionais da Educação. O mesmo se observa, em graus diferenciados, em relação às avaliações da alfabetização. No entanto, quando bem analisados e devidamente trabalhados com gestores do ensino e da Educação, os dados permitem identificar diferentes níveis de aprendizagem de leitura e mesmo de escrita.

Com esses dados, os profissionais envolvidos têm a possibilidade de verificar níveis de aprendizagem e, a partir deles, podem construir propostas de trabalho diferenciadas, quer no âmbito da escola, da sala de aula, ou mesmo, de um sistema. Se apropriada dessa forma, a avaliação pode, efetivamente, converter-se em um instrumento a serviço da escola, dos professores e, sobretudo, da aprendizagem dos alunos.

#### **C. V. - Em sua opinião, os brasileiros estão acostumados a avaliar a qualidade da Educação? Qual a importância de se criar uma “cultura de avaliação”?**

Gladys - Na escola, muito temos ainda a avançar: não estamos habituados a termos nosso fazer avaliado, e costuma haver reservas. Elas se relacionam a um conjunto de fatores, os modos como os resultados são divulgados, inclusive pela mídia, as expectativas muitas vezes centradas em termos de premiações de escolas, as diferenças estruturais entre escolas e entre turmas de uma mesma escola, a própria falta de cultura com a avaliação externa, entre outros.

Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/14557/e-necessario-avaliar-mais-cedo-para-melhorar-o-aprendizado-mais-cedo-diz-pesquisadora/>>. Acesso em: 13 nov. 2013. (Adaptado).

### 4. O quebra-cabeça da avaliação

Beatriz Rey

Há aproximadamente um ano o noticiário internacional registra manifestações incipientes contra avaliações externas, reproduzidas no meio educacional de diversos países. O panorama é sempre o mesmo: professores, indignados com o peso desse tipo de provas e preocupados com o uso feito com os resultados produzidos por elas.

O termo "testes de alto impacto" foi incorporado do inglês (*high-stakes testing*), expressão concebida na década de 80 no meio acadêmico norte-americano para designar avaliações externas que são atreladas a decisões que dizem respeito a alunos, professores e gestores. Em artigo sobre a história do termo, os pesquisadores Sharon Nichols e David Berliner, respectivamente das universidades do Texas e do Arizona, afirmam que as provas que atrelam consequências de gestão educacional a seus resultados "são dramáticas e capazes de mudar vidas". Ao serem tomados como medida única no processo avaliativo, os resultados desses testes podem definir políticas públicas. Outra aplicação possível do termo é para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que passou a ser usado nos processos seletivos das universidades públicas federais. O próprio Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) usa outro termo para definir seus sistemas de testagem: "avalia-

ções em larga escala".

Antes da instituição do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) em 2007, os resultados da Prova Brasil e do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) eram usados apenas para que as redes tivessem um diagnóstico de seus alunos. Depois do Ideb, os usos para as notas passaram a ser diversos – um deles é justamente a prática de fazer *rankings*. "Até então, quem iria se preocupar com a média da Prova Brasil por estado ou município? Passamos de baixo para alto impacto", afirma Francisco Soares, coordenador do Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Os professores afirmam que há uma pressão para que façam uma medição única no processo avaliativo dos alunos, quando, na verdade, a qualidade de ensino é fruto de diversos fatores. "A recomendação dos especialistas é que cada aluno possa ser alvo de mais de uma medida, preferencialmente que capturem áreas de desenvolvimento diferentes", explica Luiz Carlos de Freitas. É preciso levar em conta, por exemplo, o contexto socioeconômico do estudante. Ou a infraestrutura da própria escola que o atende. Nesse sentido, Freitas constata: não é possível deduzir que há boa qualidade de ensino só porque o aluno tem boa nota em português e matemática.

Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/172/artigo234997-1.asp>>. Acesso em: 13 nov. 2013. (Adaptado).

## 5. A estratégia de quebrar o termômetro

Reynaldo Fernandes

A cada divulgação de avaliações educacionais universais, como a dos resultados da Prova Brasil e do Ideb, reatua-se o debate sobre os benefícios de fazer tais avaliações e de dar ampla publicidade aos seus resultados. Ainda que as experiências com esses procedimentos proliferem em todo o mundo e diversos estudos apontem que suas vantagens superam seus possíveis defeitos, alguns ainda resistem à idéia.

O Brasil implementou seu sistema federal de avaliação educacional no início dos anos 1990 e conta hoje com um sistema dos mais avançados. A principal medida para acompanhar a educação básica é dada pelo Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que combina as notas da Prova Brasil com as taxas de aprovação, visando coibir tanto a reprovação indiscriminada para excluir do sistema os alunos de baixo rendimento quanto a prática de aprovar alunos que nada aprenderam para melhorar os indicadores de fluxo.

O Ideb foi, também, utilizado para estabelecer metas por redes e escolas e, assim, propiciar uma movimentação nacional para que até 2021 o Brasil atinja o estágio educacional atual dos países desenvolvidos. Existem críticos sérios das avaliações universais com ampla divulgação de resultados. As principais observações desses críticos estão relacionadas ao fato de o desempenho dos estudantes ser uma medida imperfeita da qualidade da escola.

Sabe-se, por exemplo, que a bagagem cultural dos estudantes é muito importante para o desempenho e, como o perfil dos estudantes varia entre escolas, sistemas de controle social poderiam gerar injustiças e desanimar professores que lidam com público mais carente. E, mais além, se as escolas forem cobradas pelo desempenho dos alunos, poderiam buscar meios inadequados para aumentar o desempenho médio dos estudantes, como excluir aqueles de baixo rendimento ou "estretar" o currículo.

Esses argumentos, ainda que considerados, não invalidam a importância de avaliações universais. Informações relevantes sobre a eficiência de determinada escola podem ser obtidas pela comparação com outras escolas próximas e que tenham público similar. É possível adotar procedimentos para evitar a exclusão de alunos. Por fim, focar o currículo nos conteúdos do exame pode ser positivo, caso o exame se atenha aos conteúdos mais fundamentais. Ademais, há estudos internacionais rigorosos avaliando experiências pioneiras de sistemas de controle social das escolas. Onde tais medidas foram adotadas, o desempenho dos estudantes tendeu a crescer de modo mais acelerado. Esses estudos não mostraram evidências claras de exclusão de estudantes de baixo rendimento.

De qualquer modo, esse é um bom debate a ser travado. Existe, entretanto, um outro tipo de crítico: aquele que não gosta do que as avaliações revelam. Se o resultado de uma avaliação não é do seu agrado, uma estratégia possível é desqualificar tanto a avaliação como os responsáveis por conduzi-las. A estratégia de quebrar o termômetro.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0407200808.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

6.

Nem tudo o que pode ser contado, conta e  
nem tudo o que conta, pode ser contado.  
Einstein



Disponível em: <<http://www.aepinhel.pt/>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

## Propostas de redação

### A – Artigo de opinião

O *artigo de opinião* é um gênero do discurso argumentativo que tem a finalidade de expressar o ponto de vista do autor a respeito de um determinado tema. A validade da argumentação é evidenciada pelas justificativas de posições assumidas pelo autor ao apresentar informações e opiniões que se complementam ou se opõem. No texto, predominam sequências expositivo-argumentativas.

Orientando-se pelos textos da coletânea e por experiências vividas no seu cotidiano, elabore um artigo de opinião com o objetivo de ser publicado em um jornal de circulação nacional, posicionando-se sobre o tema “Impactos das avaliações externas no trabalho pedagógico dos professores”. Defenda seu ponto de vista apresentando argumentos que o sustentem e que possam refutar outros pontos de vista.

### B – Carta de leitor

De natureza persuasivo-argumentativa, a *carta de leitor* é um gênero discursivo no qual o leitor manifesta sua opinião sobre assuntos publicados em jornal ou revista, dirigindo-se ao editor ou ao autor da matéria publicada. O texto é caracterizado pela construção da imagem do interlocutor e por estratégias de convencimento. Por se tratar de um texto de caráter persuasivo, os argumentos do autor buscam convencer o destinatário a adotar o seu ponto de vista e acatar suas ideias.

Tendo em vista as ideias dos textos da coletânea, escreva uma carta de leitor a uma revista de educação, posicionando-se em relação à declaração de Gladys Rocha (Texto 3) de que, na escola, em termos de avaliação, “muito temos ainda a avançar”. Desenvolva seu texto mediante a exploração do tema “Impactos das avaliações externas no trabalho pedagógico dos professores”. Para construir seus argumentos, relacione dados e fatos que possam convencer o seu interlocutor a acatar o seu ponto de vista. Para escrever sua carta, considere as características interlocutivas próprias desse gênero.

## ATENÇÃO

**Você não deve identificar-se, ou seja, você deve assumir o papel de um leitor fictício.  
A sua carta NÃO deve ser assinada.**

